

### (RE)PENSAR EM MOMENTOS DE NOVAS PERSPECTIVAS ACADÊMICAS

Após a pandemia da COVID 19 a academia universitária brasileira, conjuntamente com a sociedade brasileira e a internacional vem trazendo e propondo novos olhares e perspectivas no mundo da ciência universitária. É neste caminho que procuramos refletir como (re)pensar esses novos caminhos a serem seguidos pela academia brasileira e pela educação universitária brasileira.

Por hora docentes, discentes e técnicos de nível superior que compõem as universidades públicas e privadas brasileiras tem procurado novas formas de construção do conhecimento científico através de inúmeras plataformas de ensino, que lhes foram apresentadas, de acordo com as necessidades de cada Instituição de Ensino Superior. Já que, na ocasião da Pandemia da COVID 19 foram apresentados e capacitados como trabalhar com essas plataformas.

Após passada essa pandemia e isolamento total voltamos a chamada normalidade das atividades acadêmicas: atividades presenciais, e atividades remotas que ficaram como uma nova perspectiva, se tornando uma alternativa de normalidade das atividades acadêmicas no Brasil.

Neste sentido, “o educador tem que considerar todo o contexto de como se dá a aprendizagem, não apenas dominar o conteúdo, mas de relacionar o todo com as partes, estimular as diferentes inteligências do educando e que se torne aptos a resolver as situações-problemas no decorrer do processo da aprendizagem, de fazer relações, dialogar, e que sentido traz para nossa realidade”<sup>1</sup>. Assim, deve ter o educador com princípio atualizar-se numa perspectiva de interagir com a classe de discente de maneira singular.

Diante dessa reflexão<sup>1</sup>, afirma ser “importante ter a reforma do pensamento, poder despertar as aspirações e o sentido da responsabilidade inata em cada um de nós, pode fazer renascer o sentimento de solidariedade, mais explícito em alguns, mas que existe potencialmente em qualquer ser humano. Nesse sentido, a reforma de pensamento e do ensino não são os únicos elementos que podem agir, mas representam um elemento constitutivo essencial”.

Em vista disso, Silva e Reis<sup>1</sup>, propõem que os professores devam “trabalhar com as emergências, ir além dos conteúdos; necessitamos trabalhar conteúdos que tenham sentido em contextos reais e significativos, desenvolver capacidades afetivas, simbólicas, intuitivas, míticos, ou seja os múltiplos caminhos que dão significado para a vivência do ser humano”. Promovam também “processos de ensino com pesquisa e extensão, para construir metapontos de vista, metaconceitos e práxis complexa e transdisciplinar; criar ambientes de conhecimentos saudáveis, ativos, interativos, auto-eco-organizadores, dialógicos, colaborativos, solidários, reconhecer a pluridade cultural e a multiplicidade de vozes e olhares na produção e disseminação da aprendizagem e movimentar interesses coletivos e planetários”<sup>1</sup>.

Sendo assim, refletimos que o ser “professor é mediador do processo de ensino-aprendizagem, mas é preciso reavaliarmos nossas práticas e concepções de ensino, na intencionalidade de criar um modo de pensar”<sup>1</sup>.

Batista, Silva e Caldeira<sup>2</sup> expressam que “o processo de imersão na própria experiência revisitando o que foi vivenciado de modo reflexivo e questionador não é fácil, mas se faz necessário, pois a docência, entendida como um processo essencialmente dialógico, é isso: agir e refletir”.

Toda essa reflexão nos leva a suscitar a seguinte questão: em qual contexto se encontra à docência nos diversos programas de pós-graduação *Stricto Sensu* brasileiro?

Compreender o escrever, o estudar e o pesquisar como exercícios do devir na pós-graduação *stricto sensu*, pode contribuir com a compreensão da importância de movimentos e gestos pedagógicos que expressem a importância da docência, também como atividade imprescindível, nos programas de pós-graduação<sup>3</sup>, visto que, os programas *stricto sensu* não contribuem na formação apenas para a

### Revista Saúde.Com

ISSN 1809-0761

<http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc>

---

pesquisa, mas, também, para a docência. Uma vez que, muitos mestres e doutores poderão fazer parte (ou estão inseridos no) do corpo docente de universidades brasileiras, ou institutos de pesquisas, e, via de regra, exercerão atividades de ensino.

**Alba Benemerita Alves Vilela**  
Professora Doutora Pleno/PPGES

#### REFERÊNCIAS

1. SILVA, M. C; REIS, M. B. F. Transdisciplinaridade: (re)pensar o trabalho docente nessa nova perspectiva emergente. Anais da VI Semana de Integração Inhumas: UEG, 2017, p. 109-129.
2. BATISTA, P. B.S; SILVA, L.P; CALDEIRA, M. C. S. Experiência docente: uma trama tecida por muitos fios. In: Educação inclusiva: memórias e percursos. (Org.). - Belo Horizonte: Centro Pedagógico, UFMG, 2021.
3. BERTI, A; CARVALHO, R. M. Desafios em tempos pandêmicos: corporeidades atentas na produção de um mundo comum. Revista Cocar. Edição Especial N.17/2023 p.1-18.